

A LITERATURA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR

Ivaldo da Silva Sousa¹

Elaine Ferreira do Nascimento²

Resumo: A ausência ou a pouca presença de referências positivas da população negra no espaço escolar tem influenciado, ao longo do tempo, a construção da identidade e da subjetividade de estudantes negros. Nesse contexto, o presente artigo busca analisar como a literatura pode colaborar para a formação identitária e subjetiva negra no ambiente educacional, considerando sua dimensão pedagógica, simbólica e formativa. A pesquisa possui abordagem qualitativa e caracteriza-se como uma revisão de literatura, desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico. O percurso metodológico envolveu a seleção, leitura e análise crítica de estudos acadêmicos, obras literárias e produções voltadas às temáticas da literatura, identidade negra, subjetividade e educação antirracista. Como procedimento de investigação, utilizou-se a leitura sistematizada e a análise de conteúdo, organizando as informações em eixos temáticos que possibilitaram compreender as relações entre representação literária, construção identitária e práticas educativas. Os resultados demonstram que a literatura, quando trabalhada de maneira crítica e planejada no contexto escolar, contribui para o fortalecimento da autoestima, para o reconhecimento da ancestralidade e para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento entre estudantes negros. Além disso, auxilia na desconstrução de estereótipos raciais ainda reproduzidos no cotidiano das escolas. Conclui-se que a valorização de narrativas negras no espaço educacional amplia as possibilidades de construção de uma educação mais inclusiva, reflexiva e comprometida com a equidade racial, reafirmando a literatura como importante instrumento na consolidação de práticas pedagógicas antirracistas.

¹Doutorando em Políticas Públicas, (Universidade Federal do Piauí), Graduado em Artes, Plásticas (UNIFAP) Endereço: Macapá, Amapá, Brasil.

E-mail: ivaldo-sousa@uol.com.br/

mestreivaldo@gmail.com

²Universidade Federal do Piauí, Fiocruz Piauí. Serviço Social (UFF), mestre e doutora em Ciências/Saúde Coletiva. Pós Doutora em Culturas Africanas da Diáspora e dos Povos Indígenas. Atua na área da saúde coletiva interseccional com comunidades quilombolas e indígenas. Discute Racismo Ambiental e Mudanças Climáticas. Investiga Agenciamento de mulheridades, raça, gênero/sexualidade em perspectiva interseccional, ,negraelaine@gmail.com, elaine.nascimento@fiocruz.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação antirracista, Literatura afro-brasileira, Infância negra, Identidade étnico-racial.

THE ROLE OF LITERATURE IN THE FORMATION OF BLACK IDENTITY AND SUBJECTIVITY IN THE SCHOOL CONTEXT

Abstract: The limited presence of positive representations of the Black population within the school environment has historically affected the processes of identity and subjectivity construction among Black students. In this context, this article aims to analyze how literature can contribute to the development of Black identity and subjectivity in the educational setting, considering its pedagogical, symbolic, and formative dimensions. This study adopts a qualitative approach and is characterized as a literature review developed through bibliographic research. The methodological process involved the selection, reading, and critical analysis of academic studies, literary works, and publications related to literature, Black identity, subjectivity, and anti-racist education. As a research procedure, systematic reading and content analysis were employed, organizing the information into thematic axes that made it possible to understand the relationships between literary representation, identity construction, and educational practices. The findings demonstrate that literature, when approached critically and intentionally within the school context, contributes to strengthening self-esteem, recognizing ancestry, and fostering a sense of belonging among Black students. Furthermore, it helps deconstruct racial stereotypes that are still reproduced in everyday school life. It is concluded that valuing Black narratives in educational spaces broadens the possibilities for building a more inclusive, reflective, and racially equitable education, reaffirming literature as an important instrument for the consolidation of anti-racist pedagogical practices.

KEYWORDS: Anti-racist education, Afro-Brazilian literature, Black childhood, Ethnic-racial identity.

Introdução

No ambiente escolar brasileiro, em meio aos livros didáticos, às práticas de leitura e às diferentes narrativas trabalhadas em sala de aula, também ocorrem processos simbólicos ligados à formação das identidades e ao sentimento de pertencimento social. Nesse cenário, a literatura infantojuvenil deixa de ocupar apenas um papel recreativo ou voltado exclusivamente para a alfabetização, passando a exercer significativa influência na formação cultural, social e afetiva das crianças. É na infância que começam a se desenvolver as percepções sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo, fazendo com que personagens, histórias e representações presentes nos livros tenham impacto direto na construção da autoimagem e das relações sociais das crianças. Dessa forma, discutir a

contribuição da literatura voltada ao público infantil e juvenil para a formação identitária da população negra torna-se uma necessidade para a construção de uma escola comprometida com práticas antirracistas, com a diversidade e com a promoção da justiça social.

A sociedade brasileira carrega, desde sua formação colonial, marcas profundas do racismo estrutural, manifestadas tanto nas relações sociais quanto nas práticas institucionais, a escola, enquanto espaço de formação social e política, não está isenta desse processo, ao contrário, por muito tempo, ela reproduziu e reforçou imaginários que desvalorizam o negro, silenciando sua história, estetizando sua dor e invisibilizando seus feitos, nesse cenário, a ausência de personagens negros com protagonismo positivo, de narrativas que celebrem a ancestralidade africana, bem como a constante repetição de estereótipos, contribui para a manutenção de uma subjetividade marcada pela negação, pela dor e pela ausência de reconhecimento.

Ao mesmo tempo, observa-se, nos últimos anos, o fortalecimento de produções literárias infantojuvenis que rompem com essa lógica excludente, destacando a valorização da identidade negra, da cultura afro-brasileira e da construção de novas representações para a infância negra. Essas obras questionam os padrões tradicionais do cânone literário, os currículos marcados por perspectivas colonizadas e os referenciais estéticos centrados na visão eurocêntrica. Quando desenvolvidas no espaço escolar a partir de uma abordagem pedagógica crítica e consciente, tais narrativas podem contribuir para transformar o imaginário social, incentivar o respeito às diferenças e fortalecer a autoestima e o reconhecimento identitário das crianças negras.

É dentro dessa perspectiva que o presente artigo se desenvolve, procurando analisar como a literatura infantojuvenil pode colaborar para a formação da identidade e da subjetividade de crianças negras no contexto escolar. Parte-se da compreensão de que o livro não representa apenas um recurso de leitura, mas também um instrumento pedagógico e político, capaz de influenciar a maneira como os sujeitos se enxergam e são reconhecidos socialmente. Nesse sentido, a seleção das obras literárias, as práticas de mediação realizadas pelos professores e a relação estabelecida entre os conteúdos e as experiências vividas pelas crianças exercem papel fundamental na construção de um ambiente escolar

comprometido com o enfrentamento do racismo e com a promoção da igualdade racial.

A proposta deste estudo parte do entendimento de que a produção cultural não é neutra, pois toda narrativa transmite valores, concepções e formas de representação social. No campo da literatura infantojuvenil, essas representações influenciam diretamente a formação afetiva, emocional e ética das crianças. Dessa maneira, analisar as possibilidades que essa literatura oferece para a construção de uma cultura escolar antirracista significa colaborar com uma educação que vá além da simples denúncia do racismo, assumindo também o compromisso de enfrentá-lo por meio da valorização de novas imagens, novas narrativas e novos significados para a infância negra.

Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa é analisar como a literatura infantojuvenil pode colaborar para a construção de uma identidade negra afirmativa, fortalecendo a subjetividade de crianças negras no ambiente escolar e contribuindo para a consolidação de práticas pedagógicas antirracistas. Como objetivos específicos, pretende-se: a) refletir sobre práticas docentes que incorporem essas narrativas ao currículo; c) discutir como a presença de personagens negros e negras, tratados com dignidade e complexidade, interfere na percepção de si e do outro em sala de aula.

Ao refletir sobre essas questões, o presente artigo busca também ampliar os debates sobre o papel da escola na superação das desigualdades raciais, reconhecendo o campo da literatura como potente território de resistência, reexistência e reinvenção identitária. Afinal, como já propõe o Movimento Literário Afrologia Tucuju, “a palavra também educa, cura e liberta – especialmente quando nasce das margens e se recusa a ser silêncio.”

1 Referencial teórico

1.1 A literatura infanto-juvenil e sua função formadora: A linguagem literária como meio de expressão da realidade e da imaginação.

Desde cedo descobri que um livro não se limita às páginas que o sustentam: ele continua palpitando na cabeça de quem lê, interferindo na maneira de sentir o próprio corpo, de nomear o mundo, de sonhar possibilidades, por isso, insisto que quem se dedica à escrita carrega mais do que um talento – carrega uma responsabilidade, cada metáfora plantada num parágrafo pode fecundar ideias de grandeza ou, lamentavelmente, reproduzir velhos estereótipos que corroem a autoestima de leitores ainda em formação.

Tenho observado, em feiras literárias e rodas de leitura, que nem todos os autores parecem conscientes desse poder, muitos escrevem acreditando que o texto se esgota na diversão, esquecendo-se de que leitores, sobretudo crianças e adolescentes, o transformam em espelho ou em lente para enxergar os outros e a si mesmos, quando personagens negros surgem apenas como folclore exótico, ou como divertimento pitoresco, a mensagem que se insinua é de subalternidade, o caso do Saci-Pererê é ilustrativo: basta o professor mencionar o nome em sala de aula para que, como num reflexo, olhares se voltem ao único aluno negro do grupo, apenas quem é negro e que já esteve nessa situação, sabe o incômodo de virar referência involuntária, de ser, outra vez, associado a pernas faltantes, fora dos padrões constituídos de beleza ou a traquinagens de quintal, surgem aquelas “brincadeiras que se normalizam no meio escolar”, com apelidos e manifestações preconceituosas em referência a cor daqueles que ali estão presentes.

Nesse sentido, é importante destacar o conceito de racismo recreativo, compreendido como uma forma de dominação que utiliza o humor para manifestar e, ao mesmo tempo, disfarçar práticas de hostilidade direcionadas aos grupos minoritários (Moreira, 2019). Segundo o autor, essa dinâmica cultural contribui para a manutenção das hierarquias raciais, garantindo que privilégios e espaços de poder continuem concentrados nas mãos do grupo social dominante (Moreira, 2019). Ao propagar representações depreciativas sob a justificativa da brincadeira ou da diversão, o agressor preserva sua imagem perante a sociedade, enquanto reforça a desvalorização moral e social das vítimas (Moreira, 2019). Frequentemente, tais práticas são defendidas com o argumento de que não houve intenção de ofender, dificultando processos de responsabilização tanto no campo jurídico quanto no social (Moreira, 2019). Dessa forma, o humor racista atua como um mecanismo estratégico de reprodução das desigualdades históricas,

operando de maneira sutil e naturalizada nas relações sociais (Moreira, 2019). Assim, o racismo recreativo configura-se como uma forma de violência simbólica que afeta a dignidade e limita o pleno exercício da cidadania da população negra (Moreira, 2019).

Não se trata de proibir o Saci, tampouco de negar a importância do folclore, o ponto é perceber que, quando a diversidade negra se resume a um personagem de gorro vermelho, travesso e manco, a mensagem subliminar reforça a caricatura. Isso pesa, por exemplo, sobre o estudante que procura no livro uma princesa ou um príncipe parecido consigo e encontra apenas a figura do “negrinho levado”, pesa sobre o menino que começa a crer que o seu destino é a graça alheia, nunca o protagonismo, motivos de piadas e de brincadeiras pejorativas, sem intervenção de ninguém

Como escritor, sempre compreendi que a palavra tem peso, e, mais do que isso, tem consequência, desde as minhas primeiras produções, carrego comigo a consciência de que cada termo, cada escolha de linguagem, cada personagem ou narrativa precisa ser pensada com responsabilidade, especialmente quando se trata de questões étnico-raciais, nunca escrevo sem considerar os impactos que aquele texto pode gerar em quem lê, principalmente quando esse leitor carrega a dor de uma história de exclusão, silenciamento e desumanização. (Sousa; Sousa, 2022).

Minha escrita nasce desse lugar de compromisso, nada no que produzo é casual, tudo é atravessado por um cuidado intencional com a memória, a dignidade e a complexidade do povo negro, penso minuciosamente nos efeitos que cada linha pode ter na subjetividade de crianças, jovens e adultos que buscam na literatura um espaço de acolhimento e de reconhecimento, a sensibilidade com que trato as narrativas não é fruto de moda ou demanda externa: é parte de uma ética que escolhi como guia.

Essa postura não vem do medo da crítica, mas da escuta atenta, sei que a literatura pode ser tanto um instrumento de libertação quanto uma arma simbólica que reforça estigmas, por isso, o que escrevo passa antes por um crivo interno, por uma autocrítica constante, por um compromisso com a verdade e com o respeito às identidades negras, escrevo porque acredito que a palavra pode

reerguer o que foi calado, pode restaurar o que tentaram apagar, e essa crença exige de mim total responsabilidade.

Colegas escritores: revisem os cadernos, escutem suas metáforas, leiam as entrelinhas de suas letras e versos, perguntem-se: “O que meu texto faz com a subjetividade de quem o encontra?” “Qual o objetivo de minhas escritas?”, não basta evitar ofensas diretas; é preciso sondar os silêncios, perceber onde faltam vozes, onde a complexidade de um povo foi trocada por um detalhe folclórico, criem meninas negras que inventem foguetes, meninos que resolvam enigmas, criem negras e negros belos e perfeitos, inteligentes e educados, avós que conduzam rebeliões, e, se decidirem falar do Saci, devolvam-lhe a dignidade ancestral de guardião da mata, não a de piada pronta.

Cada adjetivo plantado num verso pode germinar como afeto ou como ferida, a literatura, afinal, é sementeira de mundos: ajuda a erguer pontes de reconhecimento ou levanta muros de exclusão, cabe a quem escreve escolher que construção erguerá, se sustenta sonhos ou se alimenta fantasmas, porque, no fim, o livro segue vivo na mente alheia, moldando futuros que talvez nunca veremos, mas pelos quais seremos, sim, responsáveis.

1.2 A literatura a construção de identidade

A literatura infantil tem se mostrado, ao longo do tempo, uma ferramenta de grande potencial na formação subjetiva e social da criança, especialmente quando se propõe a representar a diversidade cultural e étnico-racial que compõe o tecido social brasileiro, o processo de construção da identidade étnico-racial durante a infância demanda vivências que valorizem o pertencimento e ofereçam possibilidades concretas para que a criança possa se reconhecer como sujeito histórico, cultural e social, nesse contexto, a literatura, mais do que entreter, desempenha um papel significativo na constituição de subjetividades, sobretudo quando propõe narrativas que rompem com estereótipos e promovem a valorização das identidades negras.

De acordo com Santos, Adorno e Souza (2021, p. 281), a literatura infantil constitui um recurso pedagógico de grande relevância no cotidiano da educação infantil, pois oferece à criança a oportunidade de ampliar seu repertório simbólico, estimular sua imaginação e desenvolver sua sensibilidade estética,

quando as histórias apresentadas aos pequenos leitores dialogam com suas realidades, crenças e ancestralidades, o efeito sobre a autoestima e a consciência identitária torna-se ainda mais profundo, no entanto, os mesmos autores apontam que, historicamente, a população negra foi sub-representada ou representada de forma pejorativa nas obras infantis, o que contribuiu para a perpetuação de estigmas e para o silenciamento das contribuições culturais e sociais do povo negro na formação do Brasil (Santos; Adorno; Souza, 2021, p. 283).

A ausência de protagonismo negro ou a sua presença marcada por estereótipos negativos nas narrativas infantis é um fator que compromete a constituição positiva da identidade das crianças negras, a infância, sendo uma etapa vital na formação de valores, percepções e afetos, exige cuidados especiais no que diz respeito às representações ofertadas nos materiais pedagógicos, assim, com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, o que impulsionou também a produção e a circulação de obras literárias que resgatam e valorizam a cultura negra, no entanto, como reforçam as autoras, a presença de livros com protagonistas negros ainda é insuficiente nos acervos das instituições de ensino, o que demanda uma atuação mais incisiva do poder público, das editoras e da formação docente (Santos; Adorno; Souza, 2021, p. 286).

A literatura infantil, quando comprometida com a diversidade étnico-racial, torna-se uma aliada na luta contra o racismo e na promoção da equidade, as personagens negras, quando retratadas com dignidade, protagonismo e riqueza cultural, oferecem às crianças negras a chance de se verem representadas de maneira positiva e realista, por exemplo uma menina negra como personagem principal, com foco na valorização do cabelo crespo e na importância da aceitação da própria imagem (Santos; Adorno; Souza, 2021, p. 282).

Assim as narrativas podem ser agentes de mudança ao estimular o reconhecimento de si e do outro a partir de uma perspectiva de respeito e valorização das diferenças, elas também demonstram o quanto é possível, por meio da literatura, promover a desconstrução de estigmas historicamente enraizados na sociedade brasileira, representação positiva do cabelo crespo, por exemplo, é um tema recorrente em obras que buscam contribuir com a

construção de uma autoestima sólida e com o enfrentamento ao racismo, que muitas vezes se manifesta de forma sutil e simbólica no cotidiano escolar.

Nesse sentido, Santos, Adorno e Souza (2021, p. 290) analisam as obras selecionadas como dispositivos pedagógicos e culturais que oferecem contribuições significativas para o processo de construção da identidade étnico-racial das crianças, as histórias que valorizam os vínculos familiares, a oralidade, a ancestralidade e os saberes populares contribuem para que a criança negra se perceba como parte de uma coletividade rica em cultura, história e afetividade, o resgate da memória coletiva por meio de narrativas protagonizadas por sujeitos negros reforça o sentimento de pertencimento e promove a valorização das tradições culturais afrodescendentes.

Para que essas obras cumpram seu papel transformador, é fundamental que o professor atue como mediador consciente e engajado, a leitura literária na escola deve ser realizada de forma intencional e reflexiva, contextualizando os enredos com as vivências das crianças e estimulando o debate sobre identidade, racismo e representatividade, conforme destacam as autoras, para Santos; Adorno; Souza (2021, p. 295)

a literatura infantil, vinculada ao discurso das diferenças, da diversidade e da valorização das relações étnico-raciais, é uma importante ferramenta para o desenvolvimento e formação social da criança, representando um potente instrumento de desconstrução de estereótipos, combatendo o preconceito e a discriminação racial”.

Assim, a leitura compartilhada, o diálogo e a escuta sensível são práticas pedagógicas que fortalecem a identidade das crianças, especialmente quando essas ações são orientadas por obras que apresentam diversidade racial de forma crítica e afirmativa, a inserção da literatura afro-brasileira no currículo da educação infantil é, portanto, um ato político e pedagógico de resistência e de afirmação da dignidade humana.

O estudo desenvolvido por Santos, Adorno e Souza (2021) evidencia que a literatura infantil é um recurso poderoso na promoção de uma educação antirracista e inclusiva, ao oferecer representações positivas da negritude e ao romper com os silenciamentos impostos historicamente, a literatura contribui de maneira decisiva para a construção de uma identidade étnico-racial saudável e consciente, trata-se de um caminho pedagógico que reconhece o direito das

crianças negras de se verem como protagonistas de suas próprias histórias, com orgulho de sua cor, de seu cabelo, de sua cultura e de sua ancestralidade.

A construção da identidade é, portanto, um processo profundamente influenciado pelas experiências simbólicas e afetivas vivenciadas no espaço escolar, nesse processo, a literatura não apenas educa, mas também emancipa, transforma e liberta, sua função vai além do lúdico: ela se constitui como linguagem de reconhecimento e afirmação, principalmente para aqueles que por muito tempo foram invisibilizados, dessa forma, o compromisso com uma educação plural, crítica e equitativa passa, necessariamente, pela valorização da literatura infantil como estratégia de justiça e inclusão social.

1.3 Caminhos literários para a construção da equidade racial na educação

A literatura afro-brasileira tem desempenhado um papel significativo na formação de identidades positivas, especialmente no que se refere à infância, no contexto da Educação Infantil, seu uso contribui para a desconstrução de estereótipos étnico-raciais e para o fortalecimento da autoestima de crianças negras, conforme destacado por Melo e Souza (2020), a literatura clássica infantil historicamente privilegiou personagens brancos, relegando os negros a papéis subalternos e marginais, essa ausência simbólica tem efeitos profundos na forma como crianças negras constroem sua imagem de si e do outro, afetando diretamente o seu processo de identificação social.

Ao considerar que a identidade é construída a partir das interações sociais e dos discursos culturais a que os sujeitos são expostos, torna-se evidente que o ambiente escolar exerce influência determinante nesse processo, a escola, por meio das práticas pedagógicas, pode tanto reforçar quanto combater os preconceitos raciais que permeiam a sociedade, a literatura, nesse contexto, é mais do que um instrumento lúdico, é uma ferramenta política de combate à desigualdade e promoção da diversidade, a utilização da literatura afro-brasileira, que apresenta protagonistas negros em situações de protagonismo e respeito, contribui para o empoderamento simbólico das crianças negras, possibilitando-lhes ver-se representadas de forma positiva (Melo; Souza, 2020).

Mesmo com os avanços legais representados pela promulgação da Lei nº 10.639/2003, posteriormente atualizada pela Lei nº 11.645/2008, que tornam obrigatórios o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, os autores alertam que a presença dessa temática ainda é incipiente na Educação Infantil (MELO; SOUZA, 2020), as escolas ainda enfrentam desafios para implementar de maneira efetiva essas diretrizes, especialmente pela escassez de materiais didáticos adequados, pela resistência de parte do corpo docente e pela ausência de formação específica sobre relações étnico-raciais.

A introdução da literatura afro-brasileira nas práticas pedagógicas não deve ocorrer de maneira isolada, mas integrada a outras estratégias, como o uso de tecnologias digitais e a valorização das culturas afrodescendentes no cotidiano escolar, para Melo e Souza (2020), o uso de recursos multimídia potencializa o alcance da literatura, tornando a aprendizagem mais atrativa e significativa, além disso, permite que as crianças tenham acesso a diferentes formas de expressão cultural, como a música, a dança, os jogos e os contos africanos, promovendo uma visão mais ampla e positiva da cultura negra.

As obras literárias voltadas à valorização da cultura afro-brasileira, como "O cabelo de Lelê", "Menina bonita do laço de fita" e "Meu crespo é de rainha", são citadas pelos autores como exemplos de produções que têm contribuído para o desenvolvimento da identidade étnico-racial positiva, tais livros não apenas reforçam o pertencimento, mas também estimulam a empatia, ao permitir que crianças não negras conheçam e respeitem outras culturas (MELO; SOUZA, 2020), a leitura, neste caso, assume a função de promover o diálogo entre as diferenças e construir pontes simbólicas de respeito mútuo.

É importante observar que a literatura, além de estimular a linguagem e o imaginário, ajuda na formação emocional e social da criança, conforme Abramovich (apud Melo; Souza, 2020), ouvir histórias é uma experiência rica em significados, capaz de despertar emoções e favorecer reflexões profundas, quando essas histórias trazem elementos da cultura negra de forma respeitosa e celebrativa, promovem uma ressignificação do lugar social da população afrodescendente, quebrando o ciclo de invisibilidade a que essas crianças foram submetidas por tanto tempo.

Outro aspecto abordado pelos autores é a importância da formação docente, o professor precisa estar preparado não apenas para utilizar livros com personagens negros, mas também para mediar discussões e reflexões que problematizem o racismo e valorizem as diferenças, para isso, é essencial uma formação inicial e continuada voltada para as relações étnico-raciais, conforme previsto nos documentos legais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Melo; Souza, 2020, p. 76), sem esse preparo, o risco é que a leitura de obras afro-brasileiras ocorra de forma superficial ou mesmo reforce estereótipos já existentes.

A escola, como espaço de socialização primária após a família, é também um espaço de produção simbólica, é nela que a criança vai construindo referências sobre si mesma e sobre os outros, é onde são construídas nas subjetividades e a auto estima, ao ser exposta a conteúdos que exaltam a branquitude e marginalizam a negritude, a criança negra é levada a sentir-se inferior e a rejeitar sua própria identidade, acarretando sérios problemas, por outro lado, ao encontrar na escola um ambiente que valoriza sua cultura, sua cor, seu cabelo e sua história, essa mesma criança pode desenvolver sentimentos de orgulho, pertencimento e confiança (Melo; Souza, 2020, p.76).

Cabe ao professor, nesse cenário, assumir um papel de agente transformador, promovendo práticas que combatam o preconceito racial e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, como afirmam os autores, embora as estratégias pedagógicas por si só não sejam suficientes para erradicar a discriminação, elas são ferramentas importantes para o enfrentamento ao racismo desde os primeiros anos da vida escolar (Melo; Souza, 2020), a literatura, quando aliada ao compromisso ético do educador, torna-se uma aliada poderosa no processo de formação cidadã.

Portanto, a construção da identidade étnico-racial na Educação Infantil deve considerar não apenas a inserção de conteúdos no currículo, mas a vivência concreta de práticas pedagógicas que reconheçam, valorizem e respeitem a diversidade, a literatura afro-brasileira é uma dessas práticas, quando bem utilizada, ela permite que as crianças negras se vejam como parte da história, da cultura e do presente, e não apenas como lembranças do passado ou como figuras

folclóricas, ela oferece novos sentidos, novas possibilidades e novos espelhos onde essas crianças possam se enxergar com dignidade.

A literatura afro-brasileira ultrapassa a condição de simples recurso pedagógico, constituindo-se como uma necessidade ética, social e política no contexto educacional. Sua inserção no ambiente escolar representa um importante passo na promoção da igualdade racial e na consolidação de práticas educativas antirracistas. Quando trabalhada de forma contínua, crítica e sensível, essa literatura possui potencial para transformar a maneira como as crianças percebem a si mesmas e aos outros, contribuindo para a formação de identidades mais fortalecidas, conscientes e respeitosas diante da diversidade que caracteriza a sociedade brasileira.

1.4 A literatura negra como ferramenta pedagógica

A literatura, em sua essência, é arte que dialoga com a vida e com a formação do ser humano, e quando assume a tarefa de representar vozes historicamente silenciadas, torna-se instrumento pedagógico de libertação e reconstrução, no caso da literatura negra, essa função se intensifica, pois trata-se de uma linguagem poética e crítica que emerge da experiência coletiva de um povo marcado pela resistência e pela luta contra o racismo estrutural, na obra de Sousa e Sousa (2022), evidencia-se o potencial transformador da poesia negra no ambiente escolar, especialmente por meio do Movimento Literário Afrologia Tucuju, que, nascido em Macapá, propõe-se a ser um projeto literário e educacional voltado à valorização da identidade negra.

O movimento literário mencionado tem como premissa central o uso da palavra poética para desconstruir estereótipos raciais e construir subjetividades positivas, seus autores e autoras, oriundos do meio acadêmico e educacional, utilizam a poesia para tratar de temas como historicidade, religiosidade, autoestima e subjetividade do negro, tal produção literária propõe, portanto, uma intervenção direta nos processos de formação da identidade étnico-racial, tornando-se, assim, uma poderosa ferramenta de ensino, especialmente na educação básica, segundo os autores, a literatura pode ser um meio para elevar a imaginação e fortalecer a autoestima, a subjetividade de crianças e jovens negros,

construindo caminhos que levam à valorização da própria história e cultura (Sousa; Sousa, 2022, p. 2).

O projeto literário do Movimento Literário Afrologia Tucuju surge, assim, não apenas como um coletivo poético, mas como um movimento político-educativo que reconhece a arte como mediadora de saberes e afetos, na prática pedagógica, a inserção da literatura negra permite aos professores desenvolver com seus alunos atividades de leitura, interpretação e produção textual, ao mesmo tempo em que se promovem discussões sobre preconceito, identidade e resistência, como afirmam os autores, a palavra, quando poeticamente construída, carrega um poder transformador sobre as estruturas mentais e afetivas, permitindo a reconstrução da autoestima e da visão de mundo do sujeito negro (Sousa; Sousa, 2022, p.3).

É nesse cenário que a poesia deixa de ser apenas arte e passa a ser também um dispositivo de combate ao preconceito, o movimento literário proposto é formado por escritores e escritoras comprometidos com a luta contra a discriminação racial, e suas obras são utilizadas em saraus, palestras, oficinas e atividades pedagógicas nas escolas do Amapá, a originalidade dessa iniciativa reside no fato de que as produções poéticas são construídas com base em princípios claros: exaltar a beleza negra, valorizar a religiosidade de matriz africana, destacar o papel dos heróis negros, denunciar o racismo e promover a valorização da educação como meio de emancipação (SOUSA; SOUSA, 2022, p. 4).

Autores como Candido e Lajolo fundamentam a compreensão da literatura como prática social e histórica, para Candido (1972), a literatura é um meio de recriar a realidade e, ao mesmo tempo, de transformá-la simbolicamente, já Lajolo (1981) argumenta que a linguagem literária instaura um espaço de subjetividades que rompe com os discursos imediatistas, abrindo margem para uma leitura crítica do mundo, assim, a literatura negra não apenas representa a vivência do povo negro, mas também questiona a ordem social que o marginaliza, propondo novas formas de ver, sentir e interpretar a realidade.

A escolha da poesia como forma preferencial de expressão não é aleatória, os autores reconhecem no gênero poético uma potência singular para comunicar sentimentos, evocar memórias e sensibilizar consciências, a poesia negra, ao

mesmo tempo em que afirma a beleza e a dignidade do povo afrodescendente, também denuncia a violência simbólica e material que historicamente lhe foi imposta, desse modo, ao ser inserida no ambiente escolar, ela oferece uma via de aprendizagem que integra razão e emoção, saber e sensibilidade, para Sousa e Sousa (2022), as palavras podem ser armas poderosas na luta contra o racismo, pois tocam o íntimo do leitor e despertam reflexões profundas sobre sua identidade e seu papel social (p. 6).

A trajetória do Movimento Literário Afrologia Tucuju revela uma construção coletiva baseada em experiências pessoais e acadêmicas, o idealizador do movimento, Ivaldo Sousa, já vinha se dedicando a pesquisas sobre relações étnico-raciais no ambiente escolar desde sua pós-graduação, tendo publicado obras e artigos que abordam a discriminação racial sob diversas perspectivas, científica, pedagógica e religiosa, o movimento literário consolidou-se com a participação de outros escritores e escritoras que se reconheceram na proposta de usar a poesia como instrumento de transformação social, dessa forma, nasceu um novo estilo literário no Amapá, que busca resgatar a história do negro, valorizar sua religiosidade e subjetividade, e combater o preconceito racial por meio da arte literária (Sousa; Sousa, 2022, p. 5-6).

O projeto também se alinha aos dispositivos legais que determinam o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, como é o caso da Lei nº 11.645/2008, tal legislação, ao reconhecer a importância da contribuição dos povos africanos para a formação do Brasil, legitima iniciativas como o Movimento Literário Afrologia Tucuju, que atua como prática concreta de implementação das diretrizes curriculares para as relações étnico-raciais, a poesia, nesse contexto, torna-se linguagem que articula currículo e identidade, educação e cidadania, arte e luta social, segundo os autores, educar para a igualdade racial passa pela revalorização simbólica da população negra, e isso só é possível quando as crianças e jovens encontram nos conteúdos escolares reflexos de suas histórias e imagens de suas culturas (SOUSA; SOUSA, 2022, p. 7).

Assim, o movimento Literário Afrologia Tucuju contribui não apenas para a formação de leitores críticos, mas também para a ressignificação do imaginário social sobre a negritude, ele se constitui como um espaço de resistência e produção de sentido, onde a literatura é chamada a cumprir sua função

formadora, capaz de incidir sobre o mundo e transformá-lo, a iniciativa mostra que a literatura negra, quando pensada como ferramenta pedagógica, amplia os horizontes da educação e oferece às novas gerações instrumentos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, trata-se de um projeto que une teoria e prática, sentimento e razão, palavra e ação.

Como reforça o próprio idealizador do Movimento Literário Afrologia Tucuju Prof. Dr. Ivaldo Sousa, “as palavras são armas poderosas capazes de mudar nossas ações, nossos esquemas mentais, nossa autoestima e nossas emoções subjetivas” (Sousa; Sousa, 2022, p. 8), é com essa convicção que o Movimento Literário Afrologia Tucuju se firma como exemplo de como a literatura pode ser colocada a serviço da justiça social, portanto a cada palavra dita ou não dita, nas linhas ou nas entrelinhas, podem ajudar ou prejudicar em nossas construções subjetivas, em tempos de urgência ética e política, fazer da poesia um instrumento de conscientização, empoderamento e amor-próprio é mais do que necessário: é uma escolha transformadora.

2. Metodologia

Este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão de literatura de natureza bibliográfica e analítica. A adoção dessa metodologia decorre da necessidade de compreender, de maneira mais aprofundada, como a literatura vem sendo debatida no campo educacional enquanto elemento importante na construção da identidade e da subjetividade negra no espaço escolar.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento sistemático de produções acadêmicas, incluindo artigos científicos, livros, capítulos de livros, dissertações e teses relacionados às temáticas da literatura infantojuvenil, identidade étnico-racial, subjetividade, educação antirracista e práticas pedagógicas. As obras selecionadas atenderam a critérios de pertinência temática, relevância teórica e proximidade com o objeto investigado, priorizando estudos reconhecidos na área das ciências humanas e da educação.

No percurso metodológico, inicialmente foi realizada uma leitura exploratória do material reunido, buscando identificar aproximações teóricas, conceitos recorrentes e perspectivas de análise presentes nas produções selecionadas. Posteriormente, desenvolveu-se uma leitura analítica, voltada à compreensão dos principais argumentos, contribuições e limitações das obras estudadas. Para a interpretação dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, organizando as informações em eixos temáticos que possibilitaram examinar as relações entre literatura, representações raciais, formação identitária e práticas educativas.

O estudo não contou com a participação de sujeitos ou aplicação de pesquisa de campo, restringindo-se à análise de produções teóricas e literárias. Em relação aos aspectos éticos, foram respeitados os princípios da integridade acadêmica, garantindo a correta referência às fontes utilizadas ao longo da investigação. Como limitação, destaca-se o caráter exclusivamente teórico da pesquisa, evidenciando a importância de futuras investigações empíricas que possam aprofundar e ampliar as reflexões apresentadas.

Conclusão

Este artigo buscou analisar a contribuição da literatura para a construção da identidade e da subjetividade negra no ambiente escolar, considerando suas dimensões pedagógica, simbólica e formativa no enfrentamento das desigualdades raciais. Com base na revisão de literatura desenvolvida, constatou-se que a literatura, quando trabalhada de maneira planejada e consciente nas práticas educativas, vai além de sua dimensão estética, assumindo importante função na produção de sentidos, valores e sentimentos de pertencimento dentro da escola.

Os resultados do estudo demonstram que a presença de narrativas literárias voltadas à valorização das experiências negras favorece o fortalecimento da autoestima, o reconhecimento da ancestralidade e o desenvolvimento da consciência étnico-racial entre estudantes negros. Além disso, essas narrativas contribuem para romper estereótipos historicamente reproduzidos, promovendo

impactos positivos tanto na cultura escolar quanto nas relações construídas no cotidiano educativo.

No campo teórico, a pesquisa reforça a compreensão da literatura como um espaço estratégico para reflexões críticas acerca da identidade, da subjetividade e das relações étnico-raciais, destacando sua relevância nos debates sobre educação antirracista. Em termos práticos, os achados evidenciam a necessidade de ampliar a presença de obras literárias que valorizem a diversidade racial nos currículos escolares, assim como fortalecer o trabalho de mediação pedagógica realizado pelos profissionais da educação.

Portanto a literatura constitui um instrumento fundamental para a promoção de uma educação mais inclusiva, crítica e socialmente comprometida, sendo indispensável para a consolidação de práticas educativas voltadas à equidade racial e à valorização da pluralidade cultural no contexto escolar.

Referências

AMBROSIO, A.; DUARTE, P. **Comunidades hermenêuticas e leitura literária na escola**. Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: Planalto. Acesso em: 11 maio 2026.

CANDIDO, Antônio. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSSON, R. **Literatura e formação: novos parâmetros para o letramento estético**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

GOMES, M. **Leitura literária e empatia: interfaces entre estética e ética**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 24, n. 1, p. 95-114, 2023.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos estudos de literatura brasileira contemporânea), n. 45, p. 321-340, jan./jun. 2015.

MELO, José Carlos de; SOUZA, Andrea Rodrigues de. **A Literatura Afro-brasileira como ferramenta para a promoção da igualdade racial na**

Educação Infantil. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 76099-76114, out. 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

PACHECO, A. **Literatura, diversidade e educação crítica.** Educar em Revista, v. 36, n. 79, 2020.

QUEIROZ, L. **A curadoria do livro e a responsabilidade ética dos mediadores de leitura.** Texto & Ensino, v. 34, n. 2, 2024.

SANTOS, Denise Carvalho dos; ADORNO, Soraya Mendes Rodrigues; SOUZA, Izanete Marques. **A contribuição da literatura infantil no processo de construção da identidade étnico-racial na educação infantil.** Odeere, Itabuna, v. 6, n. 2, p. 38-66, jul./dez.2021.

SOUSA, Ivaldo da Silva; SOUSA, Ana Cleia Lacerda da Costa. **Movimento Literário Afrologia Tucuju: A literatura negra como ferramenta pedagógica no Estado do Amapá.** In: _____. *Teoria e Prática: Coletânea de Artigos.* Macapá: Gráfica e Editora CROMOSET, 2022. p. 1-15.

UNESCO. **Future of literacy and reading: global report 2022.** Paris: UNESCO, 2022.